



CANTORIA. Jingles e referências a outros musicais

DIVULGAÇÃO / CAIO GALLUCCI



MARILYN. Danielle Winits interpreta a loura platinada

DIVULGAÇÃO / LUCIO LUNA

‘Auê’

A companhia Barca dos Corações Partidos, formada por atores-cantores que trabalharam juntos nos musicais “Gonzagão – A lenda” e “Ópera do malandro”, está em cartaz desde ontem, no Espaço Sesc, com “Auê”. A montagem, que tem a direção de Duda Maia, apresenta 21 canções autorais e inéditas do grupo, em um espetáculo que mescla teatro, dança, música e performance. No palco, os atores da Barca encenam histórias cantando as músicas que criaram nos ônibus, vans e camarins em suas excursões pelo Brasil. Além disso, declamam poesias e tocam uma série de instrumentos. Os arranjos são de Alfredo Del-Penho e Beto Lemos, que passeiam, entre outros ritmos, por samba de roda, rock e valsa.

Espaço Sesc: Ter a sáb, às 20h30m. Dom, às 19h. R\$ 20. 12 anos. Até 31 de janeiro.

CLÁSSICO REVISTO. Emanuel Aragão desconstrói personagem



DIVULGAÇÃO/ISMAEL MONTICELLI

‘Hamlet — Processo de revelação’

Um dos personagens maiores de Shakespeare, Hamlet é destrinchado no espetáculo que estreia hoje no CCBB. Na peça-performance de Emanuel Aragão, da Cia das Inutilidades, em parceria com os irmãos Adriano e Fernando Guimarães, de Brasília, o público é convocado a refletir sobre o famoso solilóquio de Hamlet, “ser ou não ser”. Sozinho em cena, Emanuel entra e sai do papel, ora repassando textos e cenas do clássico, ora conversando com a plateia sobre a construção da narrativa e como se aproximar daquele personagem, interpretando-o e reconstruindo-o. — Logo que começou o espetáculo, explico que aquilo é uma conversa, todo mundo pode falar. E as sessões são sempre diferentes umas das outras, elas variam de uma hora e meia a três horas — conta Emanuel, lembrando que nunca ensaiou o

espetáculo de fato. — Eu, Adriano e Fernando ficamos seis meses discutindo sobre o que queríamos dizer, lendo e relendo a peça, estudando e formulando hipóteses e estratégias — explica. Todo o preparo foi providencial, pois o público e suas demandas de argumentação também variam. Desde que estreou em Brasília, em agosto de 2015, Emanuel lidou com crianças de 10 anos, que sequer tinham ouvido falar de Shakespeare, a especialistas da obra do autor inglês. — Quando apresentei para crianças, por exemplo, tive que trabalhar o conceito da morte. Apresentar esta peça é cansativo, mas uma experiência riquíssima.

Centro Cultural Banco do Brasil: Qui a dom, às 19h30m. R\$ 10. 14 anos. Até 28 de fevereiro.

LUTA LIVRE. Stênio Garcia vive treinador



DIVULGAÇÃO / MILTON MENEZES

‘O último lutador’

No fim de dezembro, portanto dias antes de estrear, no Teatro dos Quatro, a peça em que é protagonista, Stênio Garcia recebeu um infeliz diagnóstico médico: estava com caxumba. Mas a doença, e a consequente perda auditiva que ele ainda sofre, não derrubou o ator que marca seus 60 anos de carreira subindo ao palco hoje para falar, ironicamente, sobre superação. No caso, das relações familiares de um clã de lutadores: Stênio vive Caleb, o patriarca que tenta reunir seus dois filhos e dois netos, lutadores natos mas distantes dos ringues e afastados entre si por uma série de divergências, por meio da luta. — A luta sempre foi um tema que me interessou muito. Vejo e acompanho os confrontos e as histórias de vida de nomes como Anderson Silva, José Aldo, Vítor Belfort... E o assunto é algo novo no universo da dramaturgia

teatral nacional — diz Stênio, explicando a motivação de voltar ao palco após 18 anos afastado do teatro. Stênio festeja também o texto de Marcos Nauer (em uma parceria com Teresa Frota), “um jovem de apenas 22 anos e com uma força enorme”, em suas palavras. Apesar de a peça dirigida por Sergio Módena não fazer referência à família Gracie, é nela que o ator se inspirou para montar o personagem que une a família pelas artes marciais. Stênio, que não chega a lutar em cena (ele interpreta um treinador), também teve aulas de alguns movimentos básicos de luta livre com o instrutor Milton Vieira para mostrar em cena que “domina o assunto”.

Teatro dos Quatro: Sex, sáb e seg, às 21h. Dom, às 20h. R\$ 70 (sex e seg) e R\$ 90 (sáb e dom). 14 anos. Até 7 de março.

‘Três Marias em busca do ponto G’

A comédia de Méri Didoné estreou há 17 anos em Piracicaba e, desde então, reúne os atores João Scarpa, Jorge Lode e Tarcízio Rafael em torno da história de três solteironas que fazem de tudo para arrumar um marido. Em sua migração para o Rio de Janeiro, a peça estreia hoje no Teatro dos Grandes Atores, na Barra, e apresenta a saga de três mulheres que têm em comum a solidão e o objetivo de casar, mas são donas de diferentes origens e personalidades: a rica, religiosa e invejosa Maria do Socorro; a cantora de boate aparentemente bem-resolvida Maria das Dores, amiga de Socorro; e a empregada fofqueira e intrometida Maria da Graça.

Teatro dos Grandes Atores: Sex e sáb, às 23h. R\$ 70. 12 anos. Até 27 de fevereiro.

‘Em nome do filho’

Uma sauna gay decadente é o cenário da comédia dramática que reabre hoje, na Glória, o Centro Cultural Dejaire Cardoso. Na história de Dolores DelRio (nome artístico assumido por Guilherme Oliveira), Liuba, interpretado pelo próprio Dolores, é o dono da tal sauna e sofre por não ter convivido com o filho. O que Liuba não contava é que fosse reencontrar o filho, já adulto, na própria sauna, trabalhando com ele. A partir daí, é uma comédia de erros, encontros e desencontros na tentativa de Liuba de tirar o filho da condição de garoto de programa.

Centro Cultural Dejaire Cardoso: Sex, às 21h30m. Sáb, às 20h30m. R\$ 60. Até 27 de fevereiro.

‘O primeiro musical a gente nunca esquece’

O dramaturgo Rodrigo Nogueira virou “o cara” da Aventura Entretenimento. Depois de escrever três musicais para a produtora (“Rock in Rio”, “Chacrinha” e o texto final de “Barbaridade”) e ter na bagagem mais um espetáculo sem data de estreia (“Vamp”), é novamente ele quem assina a mais recente montagem do grupo : “O primeiro musical a gente nunca esquece”, que estreia no Net Rio após temporada em São Paulo. E Rodrigo não assina só o texto. Ele também dirige a peça e compôs canções para o espetáculo, além das versões dos clássicos de musicais apresentadas (de “O mágico de Oz”, “Noiva Rebelde” e “Sweet Charity”). Ah, e na ausência de um ator durante uma sessão passada, ele até atuou. — Esta peça é um marco na minha vida, em que pude colocar

na prática tudo o que aprendi nos últimos anos — diz Rodrigo. Na história, o casal interpretado por Amanda Acosta e Marcelo Várzea vive uma crise após 20 anos de casamento. Ela é uma viciada em musicais. Ele, em propaganda televisiva. Quando ele esquece o aniversário de casamento, ela tem um rompante de fúria, quebra a televisão e entra em um estado catatônico. A partir daí, ele só consegue se comunicar com ela cantando... jingles de comerciais, que foram rearranjados para o espetáculo e ganham referências a montagens teatrais. — Esta peça é, na verdade, uma grande homenagem aos musicais — conclui.

Teatro Net Rio: Sex, às 21h. Sáb, às 21h30m. Dom, às 18h30m. De R\$ 50 a R\$ 130. Livre. Até 6 de março.

‘Depois do amor’

Uma trama que se resolve na lavagem de roupa suja entre antigas amigas. Ou o outro lado Marilyn Monroe, para além do símbolo sexual. Ou o último espetáculo em que Marília Pêra (1943 - 2015) trabalhou (no caso, na direção). São vários os elementos que fazem da peça que estreou ontem no Teatro Vannucci um ponto alto da lista de novidades em cartaz. O papel da diva do texto de Fernando Duarte cabe a Danielle Winits, em uma dobradinha com a atriz Maria Eduarda de Carvalho, uma substituição de última hora: a 15 dias da estreia da peça, Carolina Ferraz deixou o papel que hoje é de Maria. Sem Marília e sem Carolina, o show continuou. E mostra o reencontro de Marilyn com uma amiga que virou ex-amiga porque um dia as duas amaram o mesmo homem: Joe DiMaggio, que era noivo de Margot Taylor (personagem de

Maria) até conhecer e se apaixonar por Marilyn. O reencontro se dá nos últimos dias de vida de Marilyn, nos bastidores das filmagens de “Something’s got to give”, seu último e inacabado filme. Margot era então a assistente do estilista que vestiria a personagem de Marilyn. E entre trocas de vestidos glamourosos, desdobram-se mágoas antigas, alegrias e tristezas. — A peça trata do universo feminino de forma muito delicada. E a Marilyn que temos é uma grande mulher, uma grande personagem. Mas não é o mito glamourizado e sim uma mulher real e cheia de fragilidades — conclui a loura mais platinada do que nunca Danielle Winits.

Teatro Vannucci: Qui a sáb, às 21h30m. Dom, às 20h. R\$ 80. 75 minutos. 12 anos. Até 6 de março.

‘Assim é... (se lhe parece)’

O texto do dramaturgo italiano Luigi Pirandello ganha uma montagem da Decupagem Cia. de Teatro e Companhia de Teatro Contemporâneo a partir de amanhã, na sede do grupo em Botafogo. A história, que mescla elementos cômicos com o absurdo, se passa em uma província no Sul da Itália. É a este lugar que chega uma estranha família, para a qual os olhares curiosos e bisbilhoteiros de toda a população local se voltam imediatamente. Todos querem saber — e passam a investigar, sem qualquer pudor — por que os membros da tal família moram em casas separadas e a origem de suas exóticas relações.

Sede da Cia. de Teatro Contemporâneo: R\$ 40. Sáb, às 21h30m. Dom, às 20h. Livre. Até 31 de janeiro.